

TRIBOS DA ORLA

Luciana Caroline Pina Garcia
Paula Aragao

RESUMO

Esta pesquisa integra o Projeto Orla, que estuda os equipamentos públicos de lazer da Orla de Atalaia, Aracaju/SE. A Nova Orla de Atalaia reúne um número diversificado de espaços destinados às práticas corporais de esporte e lazer, fato que atrai pessoas de diferentes gostos e estilos que formam grupos sociais aos quais denominamos de tribos. Considerando a acessibilidade, localização e estrutura do espaço, buscou-se identificar quais os interesses dos grupos em relação ao espaço público de lazer da Orla de Atalaia e seus equipamentos. Na pesquisa de caráter Qualitativo/descritivo foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a Entrevista Semi-estruturada e o Diário de Campo, para tais procedimentos fez-se uso de recursos tecnológicos como: câmara fotográfica e a filmadora. As observações e análises nortearam a pesquisa a três temáticas de discussão: a questão pública e privada no viés de acesso aos espaços; a versão mercadológica fetichizada no esporte e no lazer; e as práticas não convencionais. Os resultados demonstram a acessibilidade e a qualidade das estruturas como fatores primordiais de interesse às tribos e que o lazer pode ser meio de produção cultural e de formação de grupos, bem como uma mercadoria, um fetiche do espetáculo do consumismo.

Palavras-chave: Tribos; Espaços Públicos; Lazer

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa integra um projeto maior acerca dos espaços públicos de lazer da Orla de Atalaia, Aracaju/SE, denominado **Projeto Orla**¹ o qual foi construído no grupo Observatório da Mídia Esportiva da Universidade Federal de Sergipe².

A Nova Orla de Atalaia³ reúne em toda sua extensão um número diversificado de espaços destinados às práticas corporais de lazer, a exemplo da caminhada, da corrida e da patinação. Enquadram-se também algumas práticas esportivas como basquetebol, voleibol, futebol, tênis, *skate*, hóquei, entre outras, constituindo-se assim, em um ponto de

¹ O Projeto foi elaborado pensando em três eixos centrais: 1. Os Espaços Públicos de Lazer; 2. As Competições Esportivas que Ocorrem na Orla; 3. As “tribos” que freqüentam a Orla.

² O Grupo de Estudo congrega os pilares da Universidade no tocante ao ensino, pesquisa e extensão. Desenvolve estudos no campo da Educação Física, Esporte e Mídia e principalmente, a relação mídia-educação, tem sido foco de nossos debates e possibilidades.

³ O espaço público Orla de Atalaia foi construído em duas etapas: 1ª etapa, Projeto Capital entregue em agosto de 1994; 2ª etapa Nova Orla de Atalaia – 2º trecho, entregue em março de 2005 (<http://www.orladeatalaia.com.br/nossaorla.htm>). Eventualmente, no decorrer do trabalho o nome orla fará referência a este espaço público.

encontro do que se pode chamar de diversidade de grupos sociais, aqui denominados tribos⁴.

A palavra tribo se aplica a um grupo social com relativa ocupação espacial e que pode apresentar culturas próprias, isento de organização política ou qualquer forma de autoridade (FERREIRA, 2001). Observando cada espaço de lazer ocupado na orla: quadras, pistas, parques, praças, entre outros, percebe-se a existência de características peculiares aos grupos frequentadores desses espaços tanto no tocante às vestes, acessórios e linguagem, quanto aos estilos, uso de gírias, expressões e comportamentos; e assim, considerá-los tribo, ou tribos da orla melhor dizendo.

Assim, considerando a acessibilidade, localização e estrutura do espaço, o tempo de permanência, os horários e os dias de maior aglomeração é possível delinear alguns aspectos culturais, econômicos e sociais (englobando normas, valores e *status*) que caracterizam estes grupos. Diante disso, buscamos identificar quais os seus interesses em relação aos espaços públicos de lazer da Orla de Atalaia.

Neste sentido, é válido ressaltar que outras indagações nos ajudaram na construção do objetivo proposto: encontrar os fatores relevantes quanto aos interesses em frequentá-los; observar os sujeitos que constituem estes grupos, identificando aspectos como os bairros onde moram, o que os caracterizam em termos de indumentária, linguagem e o porquê da prática corporal escolhida.

Mediante uma observação preliminar⁵ verifica-se que cada espaço possui suas próprias características como os escritos (frases, nomes, desenhos) encontrados nas pistas de skate. Eles esboçam uma linguagem, uma expressão. Diante dessa constatação procuramos entender o sentido dessa linguagem transmitida pelos atores/autores e como ela está relacionada à organização e convivência do grupo. Outro interesse provém do fato de as pessoas se deslocarem dos seus bairros em busca do espaço orla. O que as move nesta direção? E quanto à possível existência de outros espaços de lazer em seus bairros de origem, como pode ser justificado este deslocamento? E por que será que justamente a orla é eleita o ponto de encontro de vários grupos?

⁴ Para a pesquisa seguiremos a idéia de que tribos é uma denominação utilizada para os grupos que frequentam a Orla de Atalaia e por ocuparem espaços distintos e em horários diversificados.

⁵ O Diário de Campo; as entrevistas com os sujeitos e as observações com recursos audiovisuais foram nossos aliados na captura das informações.

O número cada vez maior de freqüentadores nos espaços da Orla de Atalaia atrai olhares⁶, inclusive o nosso. Este estudo vem proporcionar uma aproximação a novos contextos, instigando novas perspectivas em relação às chamadas tribos. Partindo desse pressuposto, é possível dizer que a análise da pesquisa leva a um entendimento de que diferentes realidades que passam despercebidas no cotidiano (friamente banalizado) de nossa sociedade escondem as razões que obrigam alguns grupos não desfrutarem de todos os atrativos que a orla dispõe; além disso, este estudo possibilita uma compreensão de fatores que provocam o deslocamento dos sujeitos residentes em localidades distantes, em direção aos espaços que podem ser utilizados sem cobrança. É, portanto, função da pesquisa trazer à tona aspectos que auxiliem no desvelamento da relação entre os grupos e os espaços estudados, enquanto uma integração de recíproca mudança, pois cada grupo parece moldar o seu espaço de acordo com seus gostos, opiniões e *status* social.

Tribo: marca cultural e meio de socialização

Toda cultura⁷ é marcada pelo tempo e espaço presentes. As formas de vida apresentadas no decorrer das evoluções civilizatórias tornam frequentes o aparecimento de grupos de pessoas que se adéquam às modificações decorrentes da modernidade que se impõe. As mudanças exprimem outras exigências para a realidade atual, novas adaptações também em termos sócio-culturais. Crianças, jovens e adultos possuem modos específicos de se ajustarem ao meio e uma delas é mediada pelos grupos sociais dos quais participam, isso pode moldar o convívio, gostos, comportamentos e os demais modos de socialização.

A existência de grupos sociais que possuem as características de tribo, é a marca de que há uma diferenciação e formas de socialização. Para Costa (2006), cada grupo social dispõe de aspectos pessoais que se identificam por meio dos usos e costumes, dentre eles o destaque é do modo de vestir-se apresentado, e esclarece que as roupas desempenham um papel fundamental no que diz respeito a identificação e reconhecimento

⁶ Verifica-se que a Orla é considerada um espaço destinado ao turismo, às práticas esportivas e a empreendimentos artístico-culturais, seja no campo privado ou público e, portanto, atrai não somente a atenção daqueles que frequentam os seus espaços em busca de algum tipo de refúgio do cotidiano, mas também de pessoas que usufruem dos espaços com vistas em objetivos econômicos e políticos, portanto, os olhares dos observadores se voltam em torno de cada acontecimento com a intenção entender melhor as relações que circundam os espaços de lazer na grande orla.

⁷ De acordo com Chauí (2006, p. 250;251) o termo cultura é plural, pois os sistemas de proibição e permissão (leis), as instituições sociais, religiosas, políticas, os valores, as crenças, os comportamentos variam de formação social para formação social e podem variar numa mesma sociedade no decorrer do tempo.

no grupo. Neste caso, a roupa transmite um significado por meio de uma linguagem que assegura a cada indivíduo o pertencimento a um determinado grupo social

Esta linguagem se faz presente em várias circunstâncias, como na rua, no trabalho, na escola, na festa, as pessoas comunicam sua idade, seu sexo, seu nível social, sua personalidade, origem, gostos, enfim, uma série de informações que podem ser identificadas pela moda/indumentária (COSTA, 2006, s/p).

Percebe-se, portanto, que cada circunstância acima definida é reproduzida no modo de vestir dos indivíduos. Ele transfere um sentido de divisão de grupos, seja por sexo, etnia, nível social, prática esportiva e outros. Assim, a indumentária poderá configurar também, desafios de formas de poder, no sentido de *status* social; uma forma de estabelecimento de dominação/ocupação em torno dos locais frequentados; além de modelos culturais que correspondem às exigências ditadas pela sociedade.

O crescente surgimento de diferentes grupos sociais e, principalmente, aqueles nomeados tribos reflete na necessidade que as pessoas têm de não estarem sós, isto é, uma necessidade de criar vínculos a partir dos próprios modos de ser e viver. Segundo Hack(2005), os agrupamentos sociais constituem formas de socialização nas quais, principalmente a juventude encontra espaço e vai formando sua identidade a partir das situações vivenciadas, considerando suas experiências, percepções e atuações no grupo.

As representações simbólicas⁸ e situações sociais provocam importante influência na sociedade hodierna refletindo nas ações, costumes e comportamentos das tribos. Hack (2005), em seus estudos acerca das culturas juvenis aponta a criação de novos modos de vida como uma necessidade das novas gerações, as quais não podem ser entendidas puramente pelos conceitos geracionais e classistas⁹, mas como organizações capazes de engendrar seus próprios anseios no cotidiano, consolidar sua representatividade social no tempo e no espaço presentes, ações que podem ser ou não contrárias às normas vigentes.

É válido ressaltar que as inferências da sociedade não estão restritas à juventude, elas englobam de certa forma indivíduos de todas as idades, sexo e etnias. Por isso, as tribos ou agrupamentos sociais destacados na presente pesquisa também podem criar e recriar seu próprio contexto, desenvolver suas potencialidades e subverter as normas

⁸ O que de modo imperceptível age sobre os indivíduos, os quais consciente ou inconscientemente se fazem cúmplices de sua existência e de seu poder provenientes de estruturas sociais que transmitem ideais de uma cultura dominante (BOURDIEU, 1998).

⁹ Para a autora o conceito geracional de juventude provém de definições funcionalistas do processo de socialização o qual deve ocorrer continuamente através da conservação ou sedimentação das relações entre as gerações. Já a conceituação classista é determinada através da representação social do jovem (sexo, etnia e principalmente classe social).

impostas pelo sistema no tocante aos modos de vida, gostos, usos e costumes, enfim, ao seu universo cultural de acordo com interesses que não priorizem aspectos econômicos e consumistas e sim, circunstâncias que acarretem no “avanço individual ou coletivo do processo de desenvolvimento do homem” (PIRES, 2002 p. 130).

Compreensão Acerca do Lazer

As pessoas encontram-se normalmente em busca de preencher os horários de não trabalho, destinando-os a algum tipo de diversão ou distração, o que hoje denominamos de lazer. É certo que os homens desde a Grécia Antiga consideravam suma importância aos cidadãos (homens livres) uma vida de contemplação da natureza, de reflexão, enfim, a necessidade do ócio (DUMAZIDIER, 1974).

No entanto, este autor não considera que os termos contenham o mesmo significado, lazer e ócio são entendidos normalmente como sinônimos, mas as suas significações exprimem épocas bastante distintas da história da humanidade. Entende-se que sempre existiu o tempo do não trabalho, no entanto, ociosidade denota o estilo de vida dos fidalgos gregos, paga pelo trabalho dos escravos. Por outro lado, isso não exprime a existência do lazer, visto que este segundo termo detém características específicas da civilização moderna ou pós-industrial.

A ociosidade dos nobres estava sempre ligada aos mais altos valores da civilização, mesmo quando na realidade ela era marcada pela mediocridade ou pela baixeza. Entretanto, o conceito de lazer não convém para designar as atividades destas castas ociosas. O lazer não é ociosidade, não suprime o trabalho; o pressupõe. Corresponde a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho (DUMAZEDIER, 1974, p. 28).

O tempo livre que as tribos observadas preenchem com jogos de recreação, passeios, atividades físicas e de relaxamento, teria sob o prisma sociológico, duas vertentes, isto é, uma visão maniqueísta que mostra uma oportunidade do desenvolvimento humano, progresso da cultura intelectual. Por outro ângulo, o lazer é considerado mais uma criação forçada da sociedade capitalista, marcado pelas características da cultura consumista de massa (DUMAZEDIER, 1974).

Desse modo, as práticas de lazer na Orla de Atalaia podem representar um meio de produção cultural, de livre expressão das pessoas que vão à busca de aproximar-se de si mesmas, nos espaços nos quais se encontram com seus afins; a formação dos grupos

sociais também pode dar continuidade à manipulação criada pelo emprego que exige oito horas diárias e para o único dia de repouso promove campeonatos aos peladeiros de final de semana; e um último aspecto, representado pela movimentação de capital nos espaços onde necessariamente é exigido investimento em troca da utilização, característica responsável pelo aspecto que torna o lazer uma mercadoria não material, além do seu caráter estimulante e prazeroso.

METODOLOGIA

A construção deste estudo configurou-se como uma pesquisa Qualitativa/Descritiva a partir da realidade observada, pois esta além de proporcionar o conhecimento sobre o objeto de estudo oferece também a possibilidade de correlacionar o fenômeno e as possíveis variáveis (MINAYO, 2007; TRIVIÑOS, 2006).

Para Triviños (2006) as formas de vida precisam, além de tudo, serem interpretadas, não basta descrevê-las, e em uma pesquisa é preciso conduzi-las a um entendimento mais amplo. Sendo assim, para melhor interpretação e análise das relações entre as tribos e os espaços de lazer da orla, foi construído um vídeo-texto, pois se trata de formas de vida, de linguagens e diferenças sócio-culturais. Desse modo, os grupos se tornam protagonistas da vida real e fonte de análise dos olhares atentos dos observadores. De acordo com Ribeiro et al (2003), essa construção possibilita o lembrar dos fatos através dos meios tecnológicos, não como deslumbramento, mas como aproximação das “pessoas vivas” com as imagens da realidade e contribui para o entendimento acerca das questões de ocupação desses espaços.

Destacamos, portanto, a câmara fotográfica e a filmadora como recursos técnicos para registrar a partir de uma sequência de imagens, os espaços muitas vezes marcados pelas gravuras, desenhos e símbolos, como parte da identidade do grupo. Eles também trouxeram informações a respeito dos sujeitos o que possibilitou o desenvolvimento da entrevista semi-estruturada utilizada como instrumento de coleta de dados. O Diário de Campo (DC) foi outro recurso utilizado para as observações ocorridas concomitantemente à construção da pesquisa.

Contudo, foi mediante a captação das imagens na Orla de Atalaia – ponto de observação – que identificamos os sujeitos como aqueles que freqüentam a orla, que mantêm uma constância e desfrutam do seu espaço para alguma prática corporal esportiva

ou de lazer. Estrategicamente as aproximações se deram a partir de visitas regulares ao cenário observado, o qual foi fotografado e filmado em horários distintos na intenção de demonstrar suas características em: estrutura, que consiste em monumentos, pistas, quadras, lagoas, bares, hotéis; extensão, equivalente a seis mil metros; e atrativos, shows, campeonatos, exposições.

As filmagens direcionadas aos grupos em forma de entrevistas e roteiro de imagens simples, através dos quais puderam ser identificados aspectos que puderam ser melhores comprovados mediante recursos audiovisuais. O desenvolvimento do DC, no qual foram anotados dados com datas e horários de visita, merece destaque visto a sua constância na busca pelas informações imagéticas. Assim, os locais de filmagens foram representados pelas pistas de skate, de patinação, de caminhada, de ciclismo, de kart; pelas quadras poliesportivas, de basquete, de vôlei; pelos lagos, fontes luminosas e monumentos entre outros.

Aproximação das Análises Iniciais¹⁰

Para iniciarmos a análise da pesquisa, apresentamos os sujeitos que contribuíram para o desenvolvimento das observações e do nosso quadro de filmagens, fotografias e entrevistas: os jogadores de futsal de final de semana (FS), os “habilidosos” skatistas (SK) e os patinadores (PA), os ciclistas (BC) “sonhadores” (como futuros profissionais da Bike Cross), os dirigentes do kart (KA), os quase desconhecidos jogadores de hóquei (HO) e os administradores do SESC (AS). Além das indagações norteadoras desta pesquisa, outros aspectos relevantes foram surgindo ao longo da aproximação do campo de estudos mediante os recursos utilizados. A partir de então, surgiram algumas temáticas que contribuíram para as análises das entrevistas, fruto do próprio campo investigativo.

Acessibilidade e Qualidade das Estruturas da Orla: Uma questão Pública ou Privada?

¹⁰ Análise em etapa inicial de desenvolvimento.

A acessibilidade dos espaços de lazer da Orla de Atalaia e a qualidade das estruturas são os fatores primordiais de atração das tribos à localidade, apesar de alguns empecilhos para vencer a distancia do local de origem dos freqüentadores (pois, alguns freqüentadores são das circunvizinhanças de Aracaju). Percebemos que até mesmo quem é de Aracaju enfrenta dificuldades para usufruir do espaço, porém é ainda mais desgastante para os moradores das localidades circunvizinhas. O trecho a seguir demonstra que a qualidade do espaço vence o desafio de chegar até lá.

Tudo de Aracaju. Fora o Ruan que é da Barra (cidade Barra dos Coqueiros). É o nosso goleiro, [...] ele tem que atravessar, mas o resto mora. Um mora no Cirurgia (bairro), outro mora perto do Médici (bairro), Luzia (bairros) [...]Vem de moto, carro, carona. Tem gente que vem de ônibus, tem gente que vem de todo tipo (de transporte)...de bicicleta... (HO).

Devido a localidade ser mais fácil pra todos, [...], assim, a maioria reside não tem a quadra pra o esporte, né? E também a facilidade pra o espaço devido o horário que a gente tá vindo (FS).

Encontramos aqui, nesses depoimentos, pontos importantes para reflexão acerca das contradições no tocante ao espaço público – destinado ao lazer – e a relação econômico/turística que se manifesta, ora por que os agentes públicos não desenvolvem políticas de re-estruturação das quadras esportivas, dos parques e espaços de lazer nos bairros? Por que a Orla foi “recheada” das melhorias estruturais de lazer e tornando-se um cartão postal do Estado?

Obviamente que a dimensão econômica sobressai. As grandes corporações hoteleiras, bem como os bares e restaurantes estão localizados na Orla e, portanto, no mundo da estética da mercadoria (HAUG, 1997) e da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997) e preferível esconder os problemas nos próprios bairros, ou seja, deixar a “sujeira debaixo do tapete”.

Além disso, deparamos com outra contradição no tocante aos espaços públicos. Algumas instituições como o Serviço de Comércio (SESC), A Federação Sergipana de Tênis (FST), o Kartódromo de Sergipe são responsáveis pela manutenção de algumas áreas e em contrapartida arrebatam o seu “pedaço no bolo” estipulando taxas para uso da população.

[...] É uma taxa simbólica pra manutenção [...] o gasto é muito grande (no campo socyte) gramado, segurança, aí você tem uma taxa que não chega nem longe, que não tem nem como recuperar [...] comecei a olhar (a tabela de preços) [...] e tava, olhe, de 20 ou 25 reais para associados quando era à noite, R\$ 20,00 de dia. Aí para quem não era comerciário cobrava R\$ 40,00, mesmo assim, 1 hora e meia o cara junta aí um grupo e faz uma cota (AS).

O kart hoje 20 minutos você paga 15 a 20 reais, aí você recebe capacete com macacão, luva, você vem, participa [...], qualquer pessoa pode ter acesso, é um kart que tem proteção, não tem perigo nenhum de você bater e se machucar (KA).

Portanto, a acessibilidade não é tão gratuita. Algumas modalidades e espaços esportivos só garantem o acesso das pessoas na contrapartida do “equivalente geral”. Pagando, estabelecendo a relação da mercadoria, as pessoas conseguem adquirir os bens.

Da Vontade de Brincar à Elitização “Fetichizada” do Esporte

O lazer enquanto um aparato mercadológico,¹¹ consegue atrair algumas instituições empresariais em busca do prazer dos poucos usuários, a exemplo dos corredores de kart.

No kartódromo, ocorrem campeonatos anuais, amistosos e treinos constantes, contudo, somente a paixão pela prática não proporciona a satisfação de utilizar o espaço. Em entrevista ao corredor e presidente da Associação Sergipana de Kart, identificamos algumas nuances que nos faz pensar até que ponto o espaço público de lazer é de fato público em prol do lazer de todos os tipos de pessoas que frequentam a Orla.

Hoje tem pessoas que tem poucas condições e tão no kart. O investimento pra tá numa corrida você gasta de 300 a 400 reais por mês, não é muito em relação ao que você se distrai (KA).

Que sentido podemos atribuir ao termo “condições” neste caso? A que condições estar-se se referindo? Seria de um pai de família que tem que sustentar mulher e filhos, ganhando mensalmente a mesma quantia que alguém que pode investir na utilização do kartódromo para curtir o seu tempo de lazer? Pode-se perceber que é grande a movimentação financeira exigida dos usuários para manutenção e conservação da estrutura, tanto no cotidiano e em eventos especiais como campeonatos, que vem atraindo a cobertura jornalística (ano de 2008, etapa final transmitida ao vivo):

[...] Nós temos algumas empresas que estão investindo no kart, mas na maioria são empresas dos próprios empresários, os pilotos aqui a maioria são empresários. Então, cada um banca seu kart, põe o nome da sua empresa [...] A nossa idéia é no próximo ano [...] vendermos as etapas (do campeonato), por exemplo, são dez etapas, a gente faria o seguinte, “1ª etapa- Etapa Coca-cola de Kart”, então, a coca-cola viria pagaria um valor, esse valor seria subsidiado para a associação, né? E seria distribuído em forma de recursos para os pilotos [...] Nós fizemos o convite, foi estabelecida uma cota, valores. A minha empresa comprou uma cota, por exemplo,

¹¹ Ver Dumazedier, *Sociologia Empírica do Lazer* (1974).

foi R\$ 1000, aí duas ou três empresas de outras pessoas aqui também compraram uma cota. Ela (a empresa televisiva) não veio de graça não (KA).

Percebemos então, no tocante ao Kart, que vai mais além da vontade de brincar com aqueles carrinhos velozes. É preciso disponibilizar uma boa quantia em dinheiro para acessá-los, bem como a ótica que perpassa os “bastidores” é a ótica do capital, da circulação do dinheiro e principalmente, do lucro.

Este não é um problema apenas do Kart, mas também identificamos outra área destinada ao lazer com taxa de manutenção cobrada por uso. Assim, outro destaque é a aproximação das pessoas mediante o vínculo empregatício. Em uma das situações de visita ao ponto de observação foi descoberta a tribo do futebol, constituída por pessoas que fazem parte de uma mesma empresa.

Podemos reportar este recorte ao lazer como criação forçada da sociedade capitalista, na qual ele é entendido como atividade que mascara a manipulação da empresa sobre o horário de trabalho dos seus empregados¹². Os trabalhadores são induzidos a conduzir o tempo de lazer de acordo com o que lhes proporciona a empresa, que nada mais é do que um modo de manipulá-los. Lembrando que não é à toa o incentivo à prática, que é uma “paixão nacional”, por assim dizer. Assim, os jogadores de final de semana dedicam seu único tempo livre a mais uma forma de supervisão da empresa nos amistosos e torneios de futsal, criados aos finais de semana.

[...]o ideal seria pra gente o futebol, mas devido a quantidade de gente não é suficiente para o futebol, aí escolhemos (o futsal) [...]. É uma peladinha, bem dizendo, só que é disputa, né? Uma loja contra a outra, entendeu? (FS).

Dois incentivos complementam a vontade dos jogadores, vestimenta e premiação. Porém, segundo relatos o prêmio já não existe, mas eles continuam jogando com o uniforme da empresa.

O uniforme, assim, o uniforme é dado pela empresa, que a empresa cede pra gente. A gente pega e vem jogar aqui, né? Como aqui mesmo tinha nas lojas, cada loja tinha um diferente desse aqui (uniforme), era campo antes, era uma loja disputando com a outra como se tivesse um campeonato. Tinha um presente para o time que ganhasse, [...] Só que parou (FS).

Do Relacionamento entre as Pessoas às Práticas Esportivas não Convencionais

¹² Idem.

Dentre os motivos que impelem os grupos a se agradarem das práticas de lazer que a Orla oferece, encontramos também razões para algumas pessoas se encontrarem e se descobrirem em gostos estilos, demonstrando o aspecto do lazer que exprime criação, expressão e satisfação de um grupo, ou de um membro do grupo, considerando neste aspecto o sentimento de pertença em relação a alguma tribo como demonstração da função de socialização desses grupos apontada por Hack (2005).

[...] quando eles começaram a fazer a pista eu vinha passear na orla e também eu via a galera andando, me interessei pelo skate, achei uma prática legal e pedi um skate a meu pai e minha mãe. Acharam meio estranho [...], mas me deram e to andando até hoje.[...]. A pista sem dúvida é mais fácil pra mim, mais prático, que na verdade foi aqui que comecei a andar de skate, [...] Então, já tem, vamos dizer, um afeto maior [...] Conheci todos a partir do momento que comecei a andar de skate (SK).

Isto demonstra também que existem os grupos, mas não existem iguais. Existe uma grande diversidade que marca o grupo, mas que em pequenos aspectos chama atenção e se torna algo que o identifica. Ao verificar os relatos da skatista destacamos outro aspecto relevante para a formação das tribos, suas peculiaridades. Costa (2006) enfatiza em seus estudos a importância da identidade de uma tribo, das principais características que consolidam sua existência, principalmente quando se trata da indumentária, mas não podemos negar as individualidades. Destacamos as seguintes afirmativas acerca dos skatistas.

Assim, você pode reparar que talvez não, as pessoas que estão assim de fora quando olha podem perceber todo mundo igual, mas quem frequenta aqui, anda de skate mesmo, que tem primo parente, enfim, percebe que não é bem assim. Cada um tem um estilo de roupa diferente, cada um tem uma maneira de andar de skate diferente né? Um anda com mais impacto, outro anda com manobras mais técnicas e assim vai [...] algumas pessoas preferem andar com uma calça mais larga, porque tem mais facilidade de movimento, outras pessoas já preferem mais justas, porque a calça pode enrolar, pode embolar na roda, pode atrapalhar na hora que tiver mandando a manobra. Então, isso é de cada pessoa mesmo (SK).

Eu acredito que toda forma de arte, porque os grafites e até mesmo as pichações não deixam de ser uma forma, e todas essas formas de arte tem um significado diferente para cada pessoa.[...]. Mas eu acho que combina um pouco assim, com o skate em si, o jeito despojado, as letras mesmo podem significar alguma coisa pra mim, mas pra você não é a mesma coisa, não pode significar nada [...]. Sim, sim. Eu acho que é um ponto que a gente pode tirar, a gente aí, o estilo mesmo, eu acho que dá pra você encaixar o skate dentro dessa forma de arte. Desse tipo de arte (SK).

Neste contexto, oferecido pela Orla da Praia de Atalaia, observamos que existem modalidades esportivas até então, despercebidas pela comunidade aracajuana, é o

caso do Hóquei. Além da dificuldade de aceitação da modalidade, os praticantes têm que driblar todas as dificuldades para consolidar esta prática esportiva. Os jogadores de hóquei, do único time do estado de Sergipe, relatam toda a dificuldade de comprar um equipamento muito dispendioso e expressam o ganho de todo o esforço, como pode ser observado nas falas abaixo:

Aqui se você for ver só o preço dos patins é um absurdo! É quem pergunta isso (custo para entrar no time), falo logo, olha não é barato não. A gente não compra equipamento todo novo, porque já compra usado mesmo, mas procura saber se tá num estado bom e tal! (HO).

Nada fora o prazer do próprio esporte! (HO).
Financeiramente, nada! Mas em questão pessoal...Satisfação! (HO).

Os depoimentos acima apontam a evidente ausência de uma política pública de incentivo a práticas esportivas e de lazer pouco difundidas, pois até mesmo onde o time treina, quadra destinada para o handebol, na qual durante as visitas pudemos constatar que nunca encontramos um time de handebol jogando, mostra que a teoria é diferente da prática.

Algumas Considerações Finais

A Orla de Atalaia, frequentada por um numero grande de pessoas que buscam lá o lazer, a diversão e o entretenimento, com gostos e estilos diferentes e comuns, torna-se para nós pesquisadores um verdadeiro “Ponto de Observação”. A busca por um momento de lazer, a relação de proximidade com o espaço e com os companheiros de mesmo grupo tornam as “tribos” iguais, porém a relação entre as tribos é muito conflitante, não existindo relações de proximidades entre elas, mesmo as tribos dos eskatistas, patinadores e ciclistas que muitas vezes ocupam o mesmo equipamento, cada uma vivendo em seu mundo e ocupando o mesmo espaço.

A cobrança pelo acesso aos espaços garante o acesso de poucos e a qualidade do ambiente, porém a estes também é garantido o acesso aos demais equipamentos tidos como público o que não os tornam parte do todo. Percebe-se assim que os espaços da Orla de Atalaia estão sendo ocupado por grupos que tem uma relação de amor com esporte praticado, o que garante uma relação de proximidade entre as “tribos” mesmo quando se encontram em mundos tão distantes.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.
- COSTA, Antonio Galdino; PIRES, Giovani De Lorenzi. Moda/indumentária em culturas juvenis: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio. Congresso Sul brasileiro de Ciências do Esporte, 3, *Anais eletrônicos...* Santa Maria: 20 a 23/Set/2006.

- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUMAZEDIER, Jofre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- HACK, Cássia; PIRES, Giovani De Lorenzi. Lazer e mídia no cotidiano juvenil. Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 17, *Anais eletrônicos...* Campo Grande, 9 a 12/Nov/2005.
- HAUG, Wolfgang Fritz. **Crítica da Estética da Mercadoria**. São Paulo: UNESP, 1997.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2007.
- PIRES, Giovani De Lorenzi. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.
- _____. Cultura Esportiva e Mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física. In: Org. BETTI, Mauro. **Educação Física e Mídia, novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Huicitec, 2003.
- RIBEIRO, S. et al. **MCSL – Lazer, Comunidade e Universidade: registro de uma ocupação pacífica**. Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Santo André-SP, 2003.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2006.